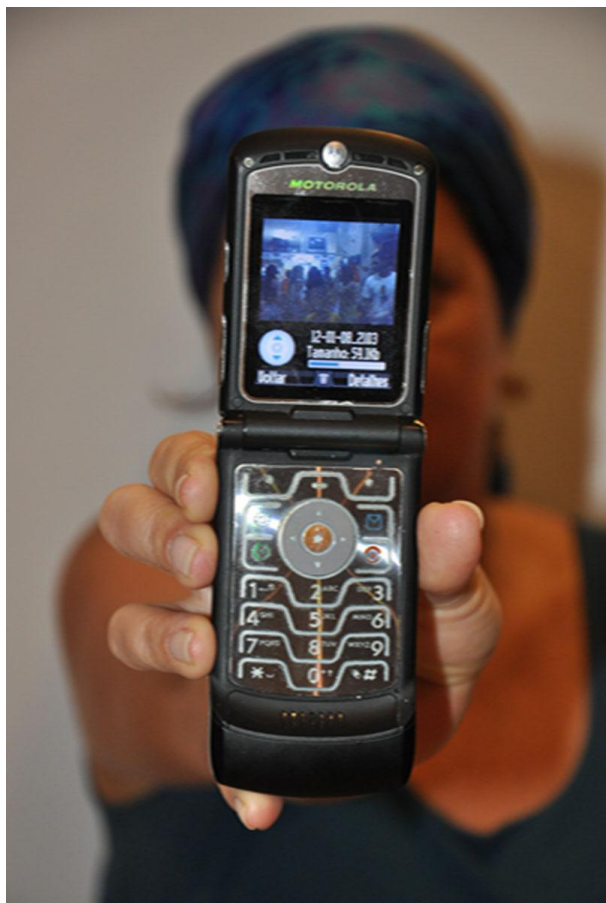


IMAGEM NO BRASIL

Crônica do cotidiano (qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência)

Helenice Mirabelli Cassino Ferreira



Maria nasceu na Paraíba. Filha de uma família numerosa veio com seus pais e irmãos para o Rio de Janeiro “tentar uma vida melhor”. Muito bonita, Maria casou-se várias vezes e teve quatro filhos. Morava em Duque de Caxias, município na baixada do Rio de Janeiro, perto de toda a família. Do seu último casamento, com um sujeito simples e religioso, nasceu uma filha, que era o xodó da casa. Morava com mais dois filhos e o marido em uma casa construída no terreno da sogra, onde também moravam outros cunhados e suas famílias. Um clã familiar. Maria trabalhava como diarista, três vezes por semana, na casa de Helena, na zona sul da cidade do Rio. Saía de casa às 4 h da manhã e chegava no trabalho por volta de 6:30. Preferia sair cedo assim para não pegar o

trânsito pesado que se formava depois das 6h. Era uma trabalhadora comum, como eram sua mãe e avó, não fosse por um pequeno detalhe: sua adoração por telefones celulares. Eles eram os troféus que coroavam seu esforço diário. Mais do que isso, eles eram seu elo familiar. Ao chegar ao trabalho, a primeira coisa que fazia era ligar para a filha mais velha, para acordá-la e dar as primeiras orientações do dia. Acordar o irmão, arrumar a casa, o que fazer para o almoço, eram algumas das ordens monitoradas o tempo todo através da comunicação pelo aparelho. Depois começava seus afazeres, sempre ouvindo música pelo celular. Daqui a pouco eram as inúmeras ligações para as irmãs, cunhadas e comadres, atualizando as notícias ou resolvendo problemas de família que, freqüentemente, eram numerosos. Assim Maria seguia o dia inteiro, e o tempo todo, conectada aos familiares e amigos. Helena, a patroa, brincava: *"Não vá dizer depois que tem problemas de coluna por conta do trabalho, heim? Larga um pouco esse telefone!"* Maria não usava fones do ouvido e enquanto falava "segurava" o telefone apoiado entre o ouvido e o ombro, num contorcionismo que não a impedia de passar roupa, varrer a casa ou tirar pó dos móveis ao mesmo tempo em que conversava animadamente. Helena não entendia como aquela mulher que ganhava pouco podia gastar tanto com ligações telefônicas, mas Maria explicava em sua lógica complexa e ao mesmo tempo simplíssima que tinha dois celulares e três chips, de diferentes operadoras. Um para falar com os filhos e marido, que partilhavam o plano da operadora, resultando em ligações gratuitas. Outro para se comunicar com as cunhadas e irmãs, pelo mesmo artifício, e finalmente um terceiro, só para mandar torpedos para a patroa. Sim, esse era o canal preferido de Maria para comunicar possíveis atrasos, trocas de dia de trabalho por conta de alguma consulta médica, além das mensagens por alguma data especial. Maria mal concluía o primeiro ciclo de estudos e não dominava a língua culta, mas se comunicava perfeitamente - e ativamente - através das mensagens instantâneas de seu celular.

Outro orgulho de Maria era carregar e mostrar as fotos dos filhos e vídeos de festas de aniversário e comemorações na escola ou na igreja. A filha menor era a maior protagonista das imagens, mas não faltavam outros familiares. E assim Helena ia conhecendo tios, sobrinhos, parentes próximos e distantes que Maria carregava consigo. De tempos em tempos, seu filho ia a uma lan house para gravar as fotos em Dvds, que eles assistiam e guardavam como tesouros, mesmo que a qualidade das imagens deixasse a desejar.

Sua maior felicidade era trocar os aparelhos por outros melhores, com mais recursos, ainda que isso sacrificasse boa parte de seu salário, com prestações mensais. Os antigos, ela os passava para os filhos, que iam também adquirindo a paixão da mãe.

Maria hoje não trabalha mais com Helena, mas as mensagens continuam sendo trocadas nas épocas de aniversários e festividades. O domínio da língua culta melhorou um pouco, mas isso não importa. O que importa é que Maria domina o funcionamento dos seus aparelhos e faz usos de seus recursos para inserir-se no mundo contemporâneo e para criar sua família, mantendo todos unidos.

Helena gosta de pensar que Maria hoje já possui um *smartphone*, navega com desenvoltura pela internet, tem amigos no Orkut e troca mensagens pelo twitter. É bastante possível.

sobre o(a) autor(a):

Prof^a contratada da Faculdade de Educação da UERJ; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Indústria Cultural.